



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Relações Patriarcais de gênero, sexualidade, raça e etnia

NOTAS SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA E A LUTA ANTICAPITALISTA

TAMIRES DE SOUSA ARANTES¹

RESUMO

O artigo reflete sobre a quarta onda do feminismo e seus desafios ao enfrentar o capitalismo. Destaca que, apesar dos avanços nas redes sociais e na política, a luta feminista deve adotar uma perspectiva anticapitalista para superar as limitações do neoliberalismo-progressista e da extrema-direita, e avançar na construção do futuro socialista.

Palavras-chave: Feminismo; Quarta onda; Anticapitalismo

ABSTRACT

The article reflects on the fourth wave of feminism and its challenges in confronting capitalism. It highlights that, despite advancements on social media and in politics, feminist activism must adopt an anti-capitalist perspective to overcome the limitations of neoliberal-progressivism and the far-right, and advance toward building a socialist future.

Keywords: Feminism; Fourth wave; Anticapitalism

O feminismo, enquanto ativismo, consolidou-se socialmente, materializando-se em campanhas nas redes sociais e em lutas políticas contra o assédio, o feminicídio, a extrema direita, pelos direitos reprodutivos e até mesmo organizando greves. Embora sua força seja mais evidente nos grandes centros urbanos, principalmente nas capitais dos estados e regiões centrais, o movimento tem tido um impacto significativo. Em São Paulo, por exemplo, a Avenida Paulista continua sendo o principal palco para essa disputa política contra os retrocessos nos direitos das mulheres.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

O debate sobre “machismo”, “gênero” e “relacionamento abusivo” é cada vez mais comum nas relações sociais estabelecidas no âmbito familiar, escolar, laboral e até em instituições religiosas. A grande mídia também tem pautado mais os temas progressistas por meio de novelas, revistas, programas televisivos como “Amor e Sexo” e superproduções cinematográficas, como o polêmico filme “*Barbie*”, de Greta Gerwig, lançado em 2023. Este filme, de forma bem-humorada, satiriza um mundo fictício onde as Barbies (mulheres) ocupam posições de poder e comandam o universo das bonecas, enquanto os Kens (homens) são apenas figurantes, quase sem função, invertendo os papéis de gênero.

Apesar de influenciar o debate sobre a desigualdade de gênero, é verdade que filmes como “*Barbie*” adotam uma perspectiva liberal como solução para esses problemas, reforçando saídas por meio do empoderamento individual, empreendedorismo e autoconhecimento, refletindo a “emancipação” dentro da sociedade capitalista. A inclusão desses debates pela grande mídia demonstra um reconhecimento das mudanças no pensamento e na vida real, além de perceberem um nicho consumidor desses conteúdos. A expansão da internet e sua popularização por meio de canais de mídias independentes também auxiliaram na difusão de temas progressistas, embora também tenham disseminado conteúdos reacionários e notícias falsas, expondo suas fragilidades perante a ética normativa e a frouxidão na legislação virtual.

Mesmo agindo por seus próprios interesses, a grande mídia é capaz de influenciar a opinião pública, conforme exposto por Fonseca:

“...é fato que a mídia – entendida como o complexo de meios de comunicação que envolve mensagem e recepção, por formas diversas, cuja manipulação dos elementos simbólicos é sua característica central (Eagleton, 1991) – representa uma forma de poder que, nas sociedades “de massa”, possui papéis extremamente significativos, tais como: influir na formação de agendas públicas e governamentais; intermediar relações sociais entre grupos distintos (Capelato, 1988); influenciar na opinião de inúmeras pessoas sobre temas específicos; participar das contendas políticas, em sentido lato (defesa ou veto de uma causa, por exemplo) e estrito (apoio a governos, partidos, candidatos) e atuar como ‘aparelhos ideológicos’ capazes de organizar interesses” (FONSECA, 2011, p.41)

Os impactos que a mídia pode gerar e sua repercussão podem ter como consequência um avanço na consciência e influência na agenda política. Este é um dos aspectos a se considerar quando abordamos o feminismo. A atual “Onda Feminista” também se beneficia desse fato. As redes sociais, em especial, foram uma das principais ferramentas para a expansão e organização de coletivos e do movimento.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

As autoras Olívia Cristina Perez e Arlene Martinez Ricoldi, em um interessante artigo sobre “A quarta onda feminista no Brasil”, constatam que, a partir da análise de perfis no Facebook, das 114 páginas pesquisadas, apenas 77 tinham atividade presencial. Em sua maioria, as páginas funcionavam apenas virtualmente, repicando conteúdos de outros coletivos (Perez 2023; Ricoldi 2023).

Perez e Ricoldi defendem que a quarta onda feminista seria marcada pelo espaço digital, onde o ativismo nas redes foi um marco. É inegável o papel das redes sociais no atual momento histórico, acompanhando também o avanço tecnológico da internet, mostrando que a conexão entre as redes e as ruas é necessária e valiosa para que o feminismo siga vivo e pulsante. A intenção é demonstrar, a seguir, como essa combinação ocorre e como as mobilizações na perspectiva de ondas contribuíram para tornar esse feminismo mais popular.

O feminismo em ondas: o que reivindicamos como a quarta onda feminista?

Na literatura acadêmica, a construção das “ondas” é uma metodologia para explicar historicamente cada período de maior acirramento das lutas das mulheres, suas principais pautas e desdobramentos políticos. Essa metodologia, por vezes, foi insuficiente para abarcar as diversas regiões do mundo, sendo ainda muito centrada no feminismo ocidental e europeu. Com cuidado para não reproduzir essa lógica, mas procurando classificar um marco temporal para nossa análise, utilizo o termo quarta onda, considerando a analogia às ondas do mar:

“Elas representam uma espécie de linha do tempo, apresentando os avanços e as principais pautas de cada época. Contudo, similares às ondas que podem ser observadas na beira-mar, elas não são contínuas, arrebentam na areia, avançando e conquistando maior alcance, mas também regressam ao oceano, sendo puxadas por uma grande força, até rebentarem novamente, às vezes ainda mais fortes. Talvez os movimentos feministas sejam mesmo como ondas do mar...” (RIBEIRO; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2021, p.59)

Vale retomar brevemente as ondas e suas principais características. A primeira onda, iniciada no final do século XIX, tinha como principais bandeiras a igualdade política e jurídica, reivindicando direitos iguais em relação à educação, participação política como o voto e também direitos civis como divórcio e direito à propriedade privada. O movimento sufragista que marca essa primeira onda também apresentava desigualdades de classe, onde a condição da mulher operária e a mulher pequeno-burguesa mais intelectualizada, que não tinham como obrigação as tarefas domésticas e nem enfrentavam o assédio e outros tipos de violência nas fábricas, conseguiam desenvolver mais sua autonomia, ainda que também fossem impactadas pela



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

desigualdade de gênero e sofressem dentro de casa com seus maridos.

A socióloga Giovanna Marcelino relembra a contribuição das socialistas como Clara Zetkin, liderança russa que formulou a respeito da opressão e do surgimento do capitalismo a partir das contribuições de Engels, especialmente de sua obra “A Origem da Família, do Estado e da Propriedade Privada” (Marcelino 2019). É importante destacar a participação das mulheres negras como protagonistas nos Estados Unidos, onde a luta pelo sufrágio se combinava com a luta contra a escravidão (Marcelino 2019).

A segunda onda, iniciada aproximadamente na década de 1960, é marcada pelo seu caráter libertário, pela reivindicação dos direitos reprodutivos e da sexualidade. Eram as “feministas que queimaram sutiãs” e questionavam o papel da mulher na sociedade. Um grande símbolo de influência neste período é Simone de Beauvoir e sua obra “O Segundo Sexo”, que analisa a construção do ser mulher na sociedade. No Brasil, esse período coincide com os duros anos de Ditadura Militar, onde a agenda de lutas centralizava na queda deste regime, sendo as feministas parte dessa luta no país, seja na participação junto a organizações políticas, no movimento estudantil, entre outros espaços de resistência ao regime.

A pauta do feminicídio teve grande repercussão neste período, com o caso do assassinato da socialite Ângela Diniz, morta pelo namorado em 1976, em uma casa de veraneio na Praia dos Ossos, Balneário de Armação de Búzios (RJ). Este caso serviu para questionar a legislação vigente e avançar na compreensão do feminicídio em contraponto à compreensão do “crime passional” ou da “legítima defesa da honra”, defesas de caráter conservador e machista. A grande repercussão do caso e a pressão do movimento feminista a partir do julgamento de Doca Street, assassino de Ângela, resultaram em avanços jurídicos anos depois. O podcast “Praia dos Ossos”, produzido pela Rádio Novelo, realiza uma investigação jornalística dos fatos deste crime e da participação do movimento feminista durante o julgamento de Doca Street.

Melchionna nos recorda que neste período as lutas pelo mundo estavam aquecidas. Na França, ocupações estudantis e greves marcaram o Maio de 68, contra o regime conservador do presidente Charles de Gaulle, além da Revolta de Stonewall em 1969, na cidade de Nova York, onde a comunidade LGBTQIA+ retaliou contra a violência policial nos bares frequentados por essa população e ocupou as ruas por mais respeito e direitos (Melchionna 2023).

Diferentemente da turbulência causada pela segunda onda, a terceira onda foi um



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

período de reflexão das lutas, com muita produção teórica, sendo a interseccionalidade a principal expressão desse movimento teórico-filosófico. Essa tendência sistematizou as lutas anteriores, até então invisibilizadas pela narrativa branca, heteronormativa, binária e de classes altas envolvidas em feminismos diversos (Melchionna 2023).

Por fim, passamos à análise da denominada quarta onda do feminismo, que inicia em 2011 e segue até os dias atuais. Neste período, onde também construí minha trajetória militante como parte deste movimento feminista, constatei que nas ruas estiveram mulheres diversas: cisgênero, transexuais, mães, estudantes, trabalhadoras, aposentadas, donas de casa, jovens, adultas, idosas, lésbicas, bissexuais, heterossexuais, brancas, negras, indígenas, mulheres PCDs, uma camada ampla e cada vez mais popular.

Para iniciar o debate sobre a quarta onda, farei um esforço retrospectivo histórico sobre os eventos no último período. Tomamos como marco inicial a “Marcha das Vadias” em 2011, que surgiu no Canadá após uma estudante universitária ser assediada no campus e, ao relatar para a autoridade policial, este afirmou que a culpa seria dela por se vestir como vadia.

O episódio desencadeou uma onda de solidariedade e indignação que se espalhou por todo o mundo, sendo um marco, especialmente no Brasil, para a retomada do ativismo feminista nas ruas e utilizando as redes sociais como principal ferramenta de articulação e mobilização.

“A partir daí o movimento se disseminou no mundo inteiro, articulando jovens feministas em Marchas as quais são organizadas de formas descentralizadas utilizando a internet como ferramenta singular de organização e propagação do movimento, através de blogs, redes sociais como o Facebook”. (GALETTI, 2014, p.1)

Apesar de suas limitações, como a centralidade da pauta na questão da liberdade do corpo feminino, a “Marcha das Vadias” no Brasil iniciou um novo ciclo de lutas contra o machismo, o assédio, o feminicídio, entre outras pautas sociais.

A “Marcha das Vadias” também imprimiu um perfil ativista diferente das manifestações mais tradicionais, sem grandes estruturas como caminhões de som, que funcionam como palanques. Os cartazes manuais, desenhos no próprio corpo, uso de megafones e palavras de ordem gritadas pelas ruas eram o estilo ativista (Galetti 2016).

Logo após, aconteceram no Brasil as jornadas de lutas em junho de 2013, que começaram com as mobilizações contra o aumento das tarifas do transporte público, mas tomaram outra dimensão, onde o rechaço à política tradicional e a políticas governamentais como



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

os gastos exorbitantes com a Copa Mundial levaram setores de massas às ruas com reivindicações diversas. Em síntese, a indignação com a vida precária e a quebra de expectativas com o governo progressista levou multidões às ruas de todo país, em capitais e interiores, decretando a falência da república democrática liberal. Essas manifestações impulsionaram as lutas feministas nos anos seguintes.

Em 2015, foi o auge dessa onda no Brasil e em outros países da América Latina, começando pelas manifestações nas redes sociais com a campanha “Meu Primeiro Assédio”, inspirada no movimento “Me Too”, onde as mulheres relatavam suas próprias experiências enquanto vítimas de assédio sexual, psicológico e moral. Também neste ano, ocorreram diversos atos de rua contra Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados, que propunha a proibição do uso da pílula contraceptiva. Essas manifestações ficaram conhecidas sob a consigna “Pílula fica, Cunha sai!”. Ainda em 2015, a morte de Lucía Pérez, adolescente drogada, estuprada e assassinada na Argentina, despertou fortes mobilizações por “Ni Una Menos” (ou Nenhuma a Menos). E, por fim, também aconteceu no Brasil a primeira Marcha das Mulheres Negras em Brasília.

Na Polônia, em 2016, o movimento grevista feminista reuniu 100 mil mulheres nas ruas, organizando marchas em oposição à proibição do aborto no país. Essa experiência foi um importante esforço de reconceituar a greve e as pautas da violência e outras relativas aos direitos das mulheres. Ainda sobre a greve internacional feminista, descrevem as autoras: “No início uma marola, depois uma onda, então uma enorme corrente: um novo movimento feminista global que pode adquirir força suficiente para romper alianças vigentes e alterar o mapa político” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 32)

Este fato, impulsionou o chamado de greve feminista internacional. No 8 de Março de 2017, onde se pautava nas ruas e nas redes sociais uma greve internacional feminista. Um chamado articulado por intelectuais e ativistas feministas marxistas como Nancy Fraser, Angela Davis, Tithi Bhattacharya e Cinzia Arruzza. Ao mesmo tempo no Brasil, ganhava força o movimento pelo “Fora Temer” e nos Estados Unidos as feministas já pautavam também sua aversão a Donald Trump.

A greve neste contexto não remete necessariamente a uma tradicional greve operária ou sindical. O sentido da greve remete a um dia de não trabalho e considera as mais diversas formas de trabalho, como o doméstico, fundamental na esfera da reprodução social do



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

capitalismo. Na Argentina, o casamento entre a ideia de greve e as lutas feministas foi mais avançado, onde Gago (2020) resume bem o que foi essa tática adotada pelo movimento:

“Quando dissemos ‘greve’, percebemos a força de poder convocar umas as outras e falar umas com as outras: as donas de casa, as trabalhadoras da economia formal e informal, as cooperativistas, as que têm emprego e as desempregadas as *cuentaproprias* esporádicas e as mães em tempo integral, as militantes e as empregadas domésticas, as estudantes e as jornalistas, as sindicalistas e as professoras, as comerciantes, as organizadoras de refeitórios nos bairros e as aposentadas” (GAGO, 2020, p.20).

A data do 8 de Março, que perdia força social, começou a ser cada vez mais massiva (Melchionna 2023). Foi também neste ano de 2017 que mulheres encabeçaram o “Fora Temer” e rejeitaram a Reforma Trabalhista e a Reforma Previdenciária, ambas assolaram os direitos dos trabalhadores tendo sua versão mais perversa no governo de Jair Bolsonaro.

Por fim, em 2018, essa onda feminista no Brasil foi a principal responsável por mobilizar milhares de mulheres, mas também homens, nas ruas em capitais e interiores para tentar impedir a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro. O #EleNão foi a primeira forma de resistência ao projeto político misógino, reacionário e autoritário.

A pandemia de Coronavírus interrompeu as grandes manifestações, mas por outro lado escancarou a necessidade dos serviços de cuidado para a reprodução do capital. O trabalho do cuidado cuja as mulheres são as mais sobrecarregadas das responsabilidades domésticas que vão desde limpeza da casa, preparo da alimentação dos membros da família, cuidado com os enfermos e a criação das crianças ainda precisam trabalhar fora ou mesmo em home-office. Essa sobrecarga, embora não seja novidade, aparece com mais intensidade sobre a questão do cuidado e sua necessidade para a reprodução da vida.

Não só dentro de casa, mas principalmente nos serviços de saúde, de assistência social, educação, que são tidos como serviços de cuidado com a vida humana, e que são postos majoritariamente femininos, abriram o debate sobre a divisão sexual do trabalho e necessidade desse cuidado para a manutenção do sistema econômico. Isto é, se não há quem cuide da vida do trabalhador o mesmo não pode vender sua força de trabalho, e sem isso não há acumulação de riqueza. Este trabalho do cuidado que não é remunerado quando feito dentro de casa é também precarizado quando feito fora de casa, podendo ser ele mesmo uma mercadoria.

Arrisco dizer também por isso o setor de serviços, enquanto um setor econômico, também



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

crece em conjunto com uma agenda liberal que exige menos investimento público nos setores sociais para dar espaço a mercantilização da força de trabalho, da privatização dos serviços, terceirizações, e pede intervenção estatal para regular a flexibilização dos contratos, dos direitos trabalhistas e previdenciários. Sendo este um sintoma internacional, podemos recorrer ao que afirma Fraser ao analisar as contradições sociais do capitalismo financeiro:

“Globalizado e neoliberal, esse regime está promovendo o desinvestimento estatal e corporativo do bem-estar social, enquanto recruta mulheres para a força de trabalho remunerada. Está, portanto, externalizando o trabalho de assistência às famílias e comunidades e diminuindo sua capacidade de realizá-lo. O resultado é uma nova e *dualizada* organização de reprodução social, mercantilizada para quem pode pagar por ela e privada para quem não pode, pois alguns da segunda categoria prestam assistência em troca de salários (baixos) para os que estão na primeira.” (FRASER, 2023, p.61)

Além desta relação de dualidade que nos aponta Fraser, onde as mulheres enquanto trabalhadoras (precarizadas) dos serviços de assistência a vida e ao mesmo tempo as que consomem esse serviço, uma outra contradição que se forma neste bojo é a mobilização nas lutas políticas, como foi, por exemplo, a mobilização das enfermeiras e auxiliares de enfermagem que estavam na linha de frente do enfrentamento da covid-19, pautando aumento do piso salarial e sendo também símbolo da defesa do SUS.

No Brasil e no mundo, a extrema-direita continua sendo uma força social que disputa um programa político conservador, ultraliberal e reacionário. Por outro lado, o neoliberalismo progressista polariza através de agendas insuficientes e titubeantes, aplicando ajustes fiscais ao povo. Esse momento, Nancy Fraser chamou de “o velho está morrendo e o novo não pode nascer”, avaliando a partir da situação eleitoral norte-americana, mas como expressão de um momento onde a hegemonia capitalista neoliberal e financeirizada está ruindo e, nesta lacuna, aparecem as mais diversas expressões políticas: “[...] nem um neoliberalismo progressista revivido, nem um neoliberalismo hiper-reacionário fraudulento serão bons candidatos à hegemonia política de um futuro próximo.” (Fraser 2019, p.56).

Fraser aponta que o desafio é construirmos uma solução que seja contra-hegemônica, que construa uma perspectiva de futuro que reflita e atenda às necessidades da vida real. A dicotomia entre o neoliberalismo progressista e o neoliberalismo ultra-reacionário se torna falsa quando não apresentam o rompimento com este bloco hegemônico, afinal:

“[...] Como ambos dividem a cama com o financismo global, nenhum deles pode desafiar a financeirização, a desindustrialização ou a globalização corporativa.

Nenhum deles pode reverter aos padrões de vida declinantes, o crescente endividamento, as mudanças climáticas, os 'déficits dos benefícios sociais' ou as intoleráveis tensões sobre a vida comunitária. Reinstalar qualquer um desses blocos no poder significa assegurar não apenas sua continuidade, a uma *intensificação* da crise atual" (FRASER, 2019, p.56)

A crise capitalista, como aponta Nancy Fraser, não tem uma saída fácil ou mesmo uma saída real, já que a mesma não parece apresentar uma solução viável. A visão mais pessimista neste sentido é a de um eterno ciclo de crises, cujas classes, principalmente mulheres, negros e negras, povos originários, pagam com suas vidas.

Contudo, todo o exposto a respeito do movimento feminista visa também identificar nossas fortalezas. As mulheres, enquanto sujeitos sociais, e o movimento feminista, como parte de uma localização onde essa indignação se canaliza, são consequência desse conflito que disputa pelo novo. Para Tithi Bhattacharya, trata-se de encarar esse fenômeno e disputá-lo para uma saída mais totalizante, encarando esses sujeitos como sujeitos revolucionários em potencial. Afinal, a opressão é também uma pauta de toda a classe trabalhadora.

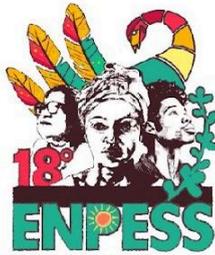
Devemos concluir que toda essa potência feminista, que esteve nas ruas, nas redes sociais e nas mídias, é um fenômeno fundamental para barrar o fortalecimento da extrema direita. O desafio é não cair nas falsas promessas do neoliberalismo, que muitas vezes se traveste de mulher, de negro, de indígena e sobe até o Palácio da Alvorada, mas que cumpre uma agenda de esvaziamento de recursos para acolher as demandas do capital financeiro. As feministas anticapitalistas possuem grandes tarefas, como seguir sendo um polo dinâmico dos movimentos sociais, barrar os retrocessos da agenda neoliberal, progressista ou reacionária, e avançar para a disputa de um novo mundo.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da servidão: o no proletariado de serviços na era digital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi;FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

ARRUZZA, Cinzia. **Ligações perigosas: casamentos e divórcios entre marxismo e**



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

feminismo. São Paulo: Usina, 2019

FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer.** São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FRASER, Nancy. Crise do cuidado? Sobre as contradições socio-reprodutivas do capitalismo contemporâneo. In: BHATTACHARYA, T. (org). **Teoria da reprodução social: remapear a classe, recentralizar a opressão.** São Paulo: Elefante, 2023.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** São Paulo: Elefante, 2019.

GAGO, Veronica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo.** São Paulo: Elefante, 2020.

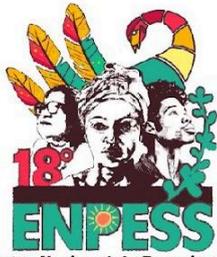
GALETTI, Camila. **Corpo e feminismo: a marcha das vadias de Campinas/SP.** Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. 2016

FONSECA, Francisco. **Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação.** Revista Brasileira de Ciência Política, n.6, julho-dezembro 2011, p.41-69. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/6bCYRSVtShSg6wqwhQq6vQQ/> . Acesso em 04/07/2024

MARCELINO, Giovanna. **As sufragistas e a Primeira Onda do feminismo.** Revista Movimento, fevereiro de 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/02/sufragistas-primeira-onda-feminismo/>. Acesso em: 03/07/2024

MARQUES, Rosa M; LEITE, Marcel G; BERWIG, Solange E; DEPIERI, Marcelo A. **Pandemias, crises e capitalismo.** 1º Ed, São Paulo: Expressão Popular, 2021

MELCHIONNA, Fernanda. **Tudo isso é feminismo? Uma visão sobre histórias, lutas e**



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

mulheres. São Paulo: Editora de Cultura LTDA, 2023

PEREZ, Olivia C; RICOLDI, Arlene M. **A quarta onda feminista no Brasil.** Revista Estudos Feministas, v.31; n.03, dezembro 2023, p.1-13. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/3489>. Acesso em: 03/07/2024

PRAIA DOS OSSOS [Locução de Branca Vianna], outubro e setembro de 2020. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>. Acesso em: 06/07/2024.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara I. **As ondas feministas : continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro.** Revista de Ciências Humanas e Sociais, p.57-46, 2021. Disponível em: <https://repositorio.aberto.up.pt/handle/10216/136148>. Acesso em: 03/07/2024